



SANTOS, Paulo da Silveira. A epopéia do café. Correio Popular,
Campinas, 10 out., 1974.

A epopéia do café

Correio Popular

Paulo da SILVEIRA SANTOS

10
10
74

Alcançou inteiro êxito o II Congresso de História de São Paulo, recentemente realizado em Araraquara. O certame, em boa hora promovido pela Associação Nacional de Professores Universitários de História, teve o patrocínio da Faculdade de Filosofia (Departamento de História), com a colaboração da Prefeitura e do Museu Histórico, da mesma cidade. O tema central girou em torno do café.

Há uma infinidade de fatos ligados à história e à cultura da rubiácea, todos eles de palpitante interesse, a começar pelo fator econômico.

Basta lembrar o que era a Província de São Paulo, no início do século passado, uma das mais pobres do Império. Entretanto, de meados para fins da centúria e à medida que se espalhavam as fazendas de café por território paulista, São Paulo cresceu economicamente a tal ponto, que pouco depois da República era já um dos primeiros Estados da União. Progresso que continuou em ritmo acelerado, com a chegada das levas de imigrantes para a lavoura.

De modo que a pujança econômica de São Paulo e a imigração, se acham estreitamente vinculadas à cafeicultura bandeirante. Outro aspecto a considerar: em sua marcha vitoriosa, o café foi levando a riqueza às regiões por onde passou, sem jamais se fixar por muito tempo, em nenhum lugar.

Assim, os municípios do vale do Paraíba, através dos quais se iniciou a penetração, logo se enriqueceram, e Pindamonhangaba tornou-se a "Princesa do Norte". Depois o café veio para o centro, seguiu para Jundiá, Campinas, para a zona Mogiana e Ribeirão Preto que, por sua vez, foram grandes centros cafeeiros. E a marcha continuou para Rio Claro, São Carlos, prosseguindo para as zonas novas — Jaú, São Manoel, Botucatu, dali rumando para Lins e Cafelandia, na Noroeste, Catanduva e Rio Preto, na Araraquarense.

Por último, desbravou as matas de Marília e enveredou para a zona pioneira do norte do Paraná. Outro fato curioso: as estradas de ferro paulistas, cujo ciclo se iniciou na década de 1865 a 1875, surgiram por um imperativo da "coffea arábica". Os negócios do café eram de tal forma vultosos, que exigiam transportes mais seguros, das fazendas para os portos de exportação. Como acertadamente lembra o prof. Odilon Nogueira de Matos, "a ferrovia nasce com o café, para o café". Aliás, este ilustre historiógrafo compareceu ao

congresso, onde lançou seu primoroso livro "Café e Ferrovias".

Todos os aspectos essenciais do bônomo café e ferrovias foram, no citado livro, assinalados pelo prof. Odilon, inclusive a fundação de inúmeras cidades paulistas, que surgiram às margens das estradas de ferro recém-implantadas.

Quanto ao transporte, inicialmente feito pelo processo moroso das tropas de muares, depois se aperfeiçoou com as ferrovias, e disto resultou maior contacto com o mundo, sobretudo o europeu e então criando-se as condições que propiciaram a formação de uma elite dirigente.

Enfim, como disse Sérgio Milliet, o panorama de nosso crescimento, durante pouco mais de um século, vai se desdobrando numa sucessão de colinas riscadas de cafezais. E então, tudo gira em torno da mola propulsora, que é o "ouro verde".

E o sábio dr. Pereira Barreto? Em 1876, este conhecido médico e pecuarista, acompanhado de um seu irmão, instalou-se em Ribeirão Preto, onde foi o pioneiro da implantação do café "bourbon". As terras roxas daquela zona eram de extrema fertilidade e trouxeram, com o café "bourbon" a fabulosa riqueza para a região. A propósito deste pormenor, tive ocasião de referir-me num trabalho que apresentei ao certame de Araraquara, trabalho que contou com a colaboração da profa. Rosalina Chinone, de São Roque.

Os dois grandes baluartes da rubiácea, no passado, foram Campinas e Ribeirão Preto. E Campinas de outrora, terra da nobreza imperial, foi depois, o berço da República e sua extraordinária pujança econômica fez com que a "Princesa do Oeste" em certa fase, se igualasse à Capital. Para essa parte de minha contribuição, estribei-me nos excelentes trabalhos dos historiadores Celso Maria de Mello Pupo, Odilon Nogueira de Matos e outros, entre os quais o ensaísta Geraldo Sesso Junior.

Grande parte do êxito registrado no conclave de Araraquara se deve à perfeita organização e neste particular, é de justiça ressaltar os nomes do prof. Edgard Carone, do prof. José Enio Casalecchi, do prof. Alcyr e demais assistentes do Departamento de História da Faculdade daquela cidade.

Por tudo isso, os anais do congresso, enfeixando tantos trabalhos da maior valia, apresentarão, nas linhas gerais, um curioso levantamento daquilo que se configurou como a verdadeira epopéia do café, em São Paulo.